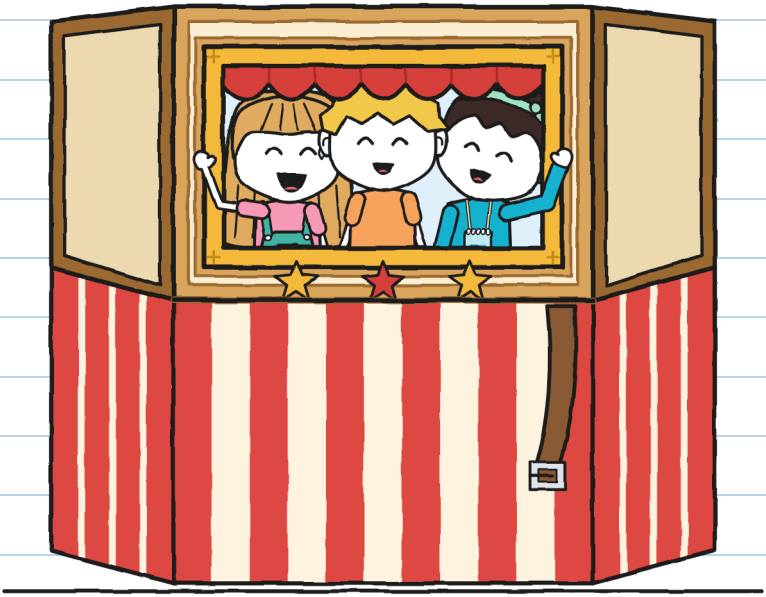
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6

Um lugar para três

LinguAula



(o caderno do Guto)

TAMANHO M
Nível intermediário · 9+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6

Um lugar para três

Texto e ilustrações: LinguAula

TAMANHO M · Nível intermediário · 9+

Versão em português: LinguAula

Primeira edição: 2026

© 2026 LinguAula · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Sexto livro da série. Os anteriores: "Este pacote morde", "Não abrir antes do trovão", "Devolver, por favor", "Aqui não, Migalha!" e "Um bolo para dois".

LinguAula

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Em três. Minha alça. –J.



Compartilhado. Cabemos. –J.

Se você encontrar, devolva dobrado.

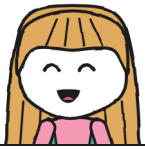
SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história. Dragões de verdade não existem. Pacotes não voltam voando. Para um transporte de verdade, veja a página 76. –J.

QUEM É QUEM



Guto. Mede em centímetros. Nesta semana conta também outra coisa.



Júlia. Sabe o caminho. Explicar é outra coisa.



Noa. Amiga da Júlia de antes. Mede em passos: sempre os traz consigo.



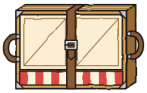
Irene. Coordena a oficina de teatro. Não diz por onde: diz "pare".



Toninho. Da RAIO e da loja. Cronometra e não opina. Quase.



Mara. Empresta o pacote. A caixa ela não solta.



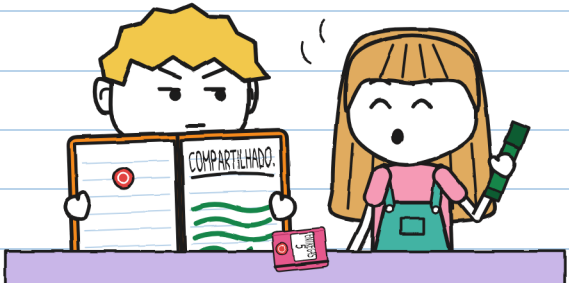
O nº 6. Um teatro que cabe numa caixa. Se ninguém segurar a correia, abre onde quer.



R. Remetente. Dessa vez deixou uma linha num inventário.

CADERNO DE ENTREGAS 6
do Guto

COMPARTILHADO.



O caderno 5 acabou com dois ponteiros no mostrador de um relógio. Este é laranja, como uma tangerina. Também leva o carimbo da loja.

Na primeira página escrevi uma única palavra. Deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

Eu compartilhei a primeira página com a minha letra. –J.

CAPÍTULO 1

Por que são necessários três?

Na segunda, ao sair da escola, a Júlia me esperava no balcão com um envelope na mão. Não era verde nem azul. Era turquesa, e estava fechado.

— O carteiro trouxe. Diz "À loja Entregas Impossíveis". Faz um tempo que não abro.
— Quanto tempo?
— Vinte e oito minutos — disse o Toninho da caixa dele, olhando o relógio. — Recorde do bairro.

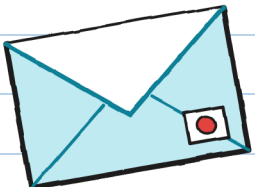


Não era meu. Os envelopes que não são meus pesam o triplo. —J.

A Mara abriu com a unha.

Sou a Irene, responsável pela oficina de teatro do centro comunitário.
Ao atualizar o inventário, encontrei uma linha:
"Teatrinho dobrável: pendente de recebimento".
Vocês estão com ele?
No sábado, dia 31, é a gincana do bairro.
Se o teatrinho chegar dobrado ao nosso pátio,
levado por uma equipe de três, eu assino lá mesmo.
Na equipe da Noa há lugar para três e, por enquanto, só ela está.

Júlia: sou eu! Agora eu faço teatro.
Traz alguém que entenda de pacotes. –Noa



"Alguém que entenda de pacotes". Esse era eu. De "pacotes" eu gostei. De "alguém", menos.

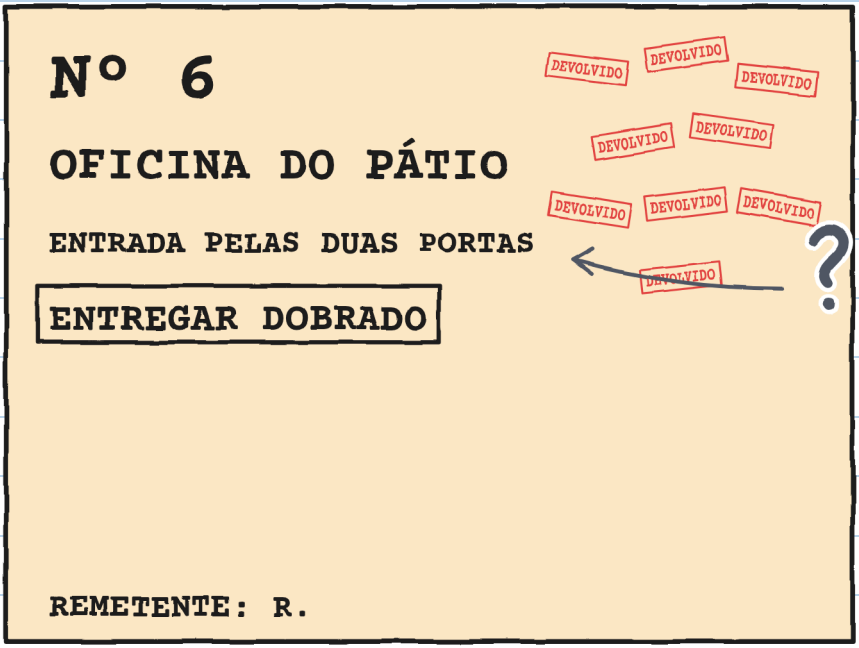
Às cinco chegaram a Irene e a Noa. A Irene trazia uma pasta, um colete cheio de bolsos e um apito pendurado no pescoço. A Noa trazia uma caderneta pendurada num cordão e um lápis turquesa atrás da orelha.

A Júlia e a Noa se abraçaram por tanto tempo que deu para eu medir: onze segundos. Eu fiquei de lado, com o caderno. Um caderno também serve para isso: para ter alguma coisa nas mãos.

— Este é o Guto — disse a Júlia. — Entende de pacotes.
— Oi, Guto que entende de pacotes — disse a Noa. E anotou o meu nome na caderneta.



A Mara subiu no banquinho azul e tirou da prateleira o nº 6. Uma caixa igual a todas.



— Nove carimbos — disse a Júlia.
— "As duas portas" — leu a Noa. — Que duas portas?

A Irene não sabia. A Mara, também não. Eu anotei com um ponto de interrogação.

— Levei nove vezes — disse a Mara. — Às segundas, quem abria a porta era o grupo de costura. Às quartas, o coro. Às sextas, o xadrez. "A oficina? Aqui não é." Ninguém assinava por uma oficina.
— O teatro ensaia no pátio — disse a Irene. — E no pátio não tem campainha.

A Irene abriu a pasta e mostrou à Mara uma folha com o carimbo do centro.

— Agora a oficina está no registro: "Oficina de teatro. Responsável: Irene". Por uma oficina, agora alguém assina.



— Agora que tem quem assine, por que a Mara não leva na caixa dela? — perguntou a Júlia.
— Na minha caixa eu levei nove vezes — disse a Mara.
— Agora quem põe as condições é quem recebe.
— Um teatrinho dobrável é para levar às praças — disse a Irene. — Preciso ver que a minha turma consegue levá-lo pela rua. Se não conseguir, não me serve. E eu não assino o que não me serve.

— Isso eu já ouvi numa padaria — disse a Mara. E anotou as condições no livro de registro. A etiqueta fica na caixa, e a caixa, com a Mara.

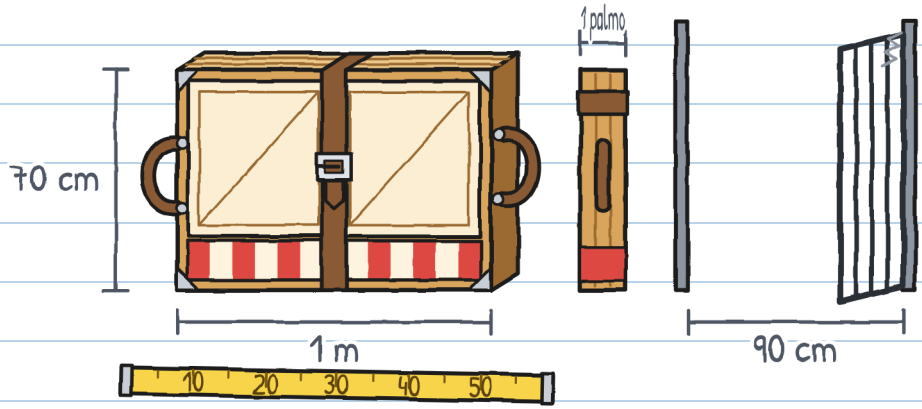


Dorme na prateleira. Continua em nove carimbos. Perguntei. —J.

Na terça fomos ao pátio do centro comunitário. Da calçada, a entrada é um portão de ferro que se fecha sozinho.

A Mara pôs a caixa no chão e tirou a tampa. Ao sair da caixa, o teatrinho cresceu, como o suporte da Elisa. Eu já não me assusto: pego a fita.

MEDIDAS DO Nº 6

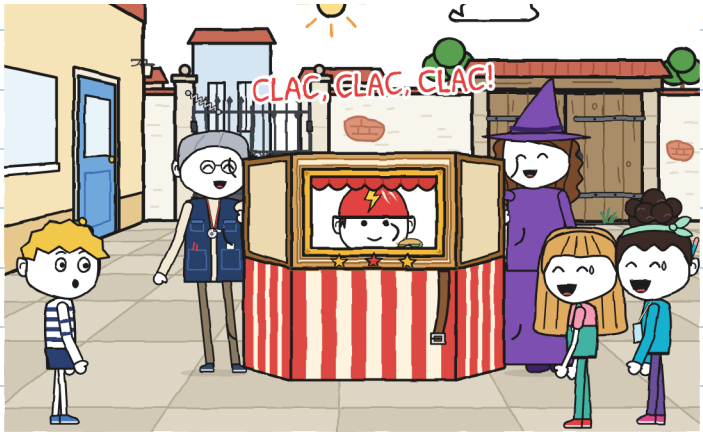


De canto, cabia pelo portão. Isso era o fácil.

Antes de mais nada, a Irene quis ver se estava inteiro. Soltou a correia e girou o fardo dobrado. Os painéis se abriram sozinhos, pelo próprio peso: clac, clac, clac. Era um palco com três paredes, uma cortina curta e uma janela com moldura no painel do fundo.

Pela janela do teatrinho se via o Toninho, que passava com um sanduíche. Estava com a boca cheia. Não pôde cumprimentar.

— Está inteiro — disse a Irene. — Regra da oficina: as mãos nas alças. Nas dobradiças, nunca. E nas curvas, alguém segura a correia.



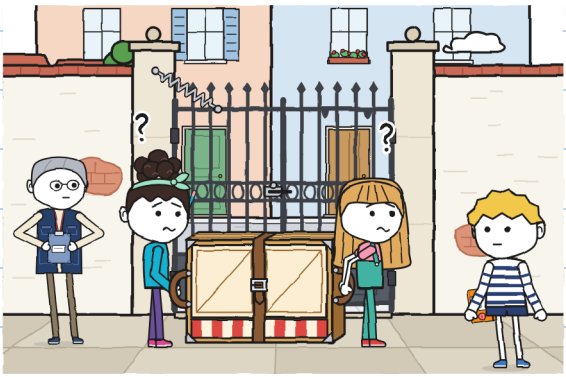
A Irene e a Mara dobraram o teatrinho e prenderam a correia.

— A gente testa — disse a Júlia. A Noa já estava na outra alça.

Contaram até três e o levantaram. Conseguiam. Deram uma volta no pátio. Chegaram ao portão, fechado.

A Júlia olhou para ele. A Noa também. Tinham quatro mãos, todas ocupadas.

Eu estava a dois metros, com as minhas duas livres e um caderno.



Segurei o portão com as costas. Elas passaram. A Irene anotou alguma coisa na pasta.

Naquela tarde inventei o aparelho deste caderno.

O MEDIDOR DE TRÊS

quem faz o quê em cada trecho

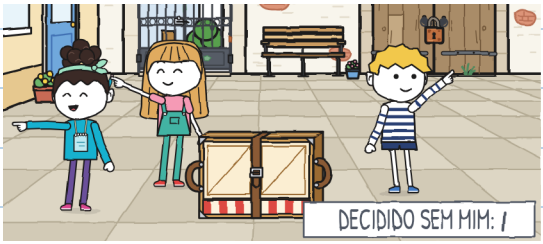
	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 
pátio, primeira tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	
pátio, segunda tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	Guto

Dois nomes repetidos e uma casinha vazia: não dá para passar. Com a casinha cheia, passa.

E anotei outra coisa, menor: "Um portão também se segura com uma pedra".

Faltava entender a etiqueta.
— As duas portas são as duas folhas do portão — disse a Júlia.
— Tem que abrir as duas — disse a Noa.
— Podemos medir primeiro o muro por fora — eu disse.
Apontamos os três ao mesmo tempo. A Júlia, o portão. A Noa, a sala da oficina. Eu, a rua.
— Depois — disseram as duas.

Fui sozinho. Dei a volta no muro e encontrei uma coisa. Quando voltei, elas riam de uma coisa de quando eu ainda não estava no bairro. Abri a boca.
— Já está decidido, Guto — disse a Júlia. — São as duas folhas.
Fechei a boca. E o caderno.



Esse risquinho eu vi dois dias depois. Era meu. —J.

CAPÍTULO 2

Quem conhece o caminho?

Na quarta era o primeiro trajeto: da loja ao pátio, pela rua. Quando cheguei, o medidor já estava preenchido. De verde.

— Você e a Noa carregam — disse a Júlia. — Eu oriento, que eu sei o caminho. E como vou na frente, abro passagem.
— A gente pensou vindo para cá — disse a Noa.

De verde não apaga. Segundo risquinho.

O MEDIDOR DE TRÊS

	CARREGAR	ORIENTAR	ABRIR PASSAGEM
pátio, primeira tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	
pátio, segunda tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	Guto
loja → pátio	Guto e Noa	Júlia	Júlia

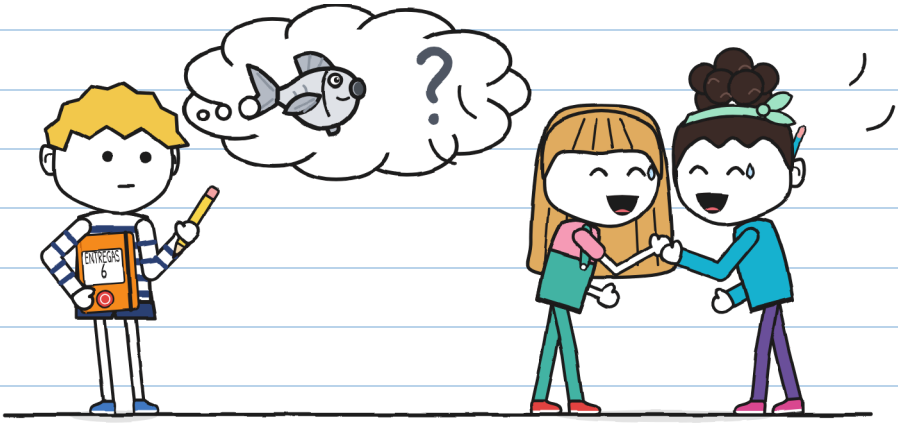
DECIDIDO SEM MIM: II

— Antes de sair a gente podia fazer uma planta — eu disse. — Com as curvas numeradas.
— Não precisa de planta — disse a Júlia. — É tudo reto até o peixe manco.

A Noa começou a rir. A Júlia, também.

— Que peixe?
— O peixe manco é o peixe manco — disse a Noa.
— É uma história comprida — disse a Júlia.
— E muito boa — disse a Noa.

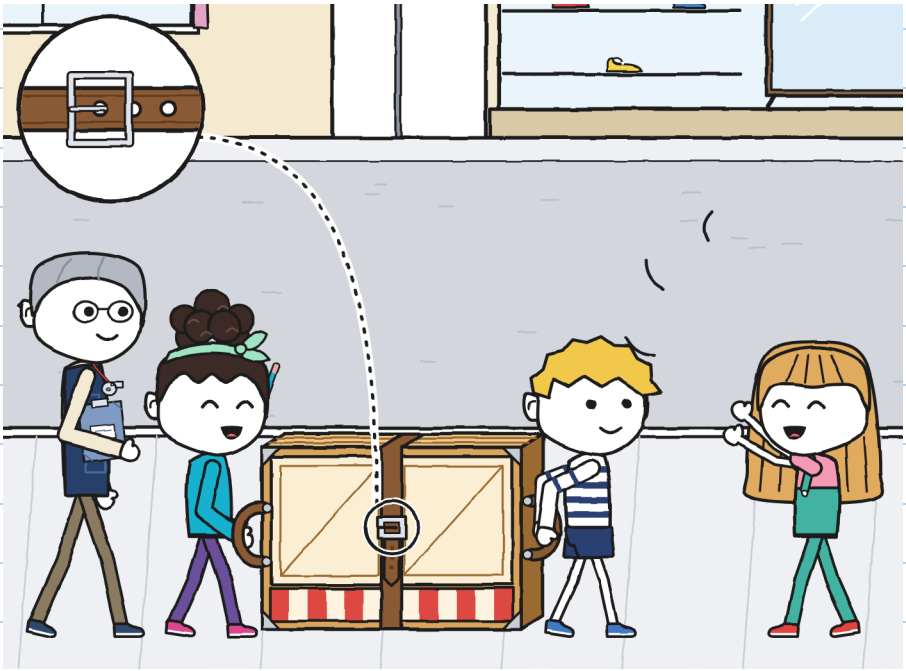
Não me contaram. Terceiro risquinho.



A Mara tirou o teatrinho da caixa na porta da loja. A Noa prendeu a correia no primeiro furo.

— Assim solta mais rápido quando a gente chegar.

Eu ia na frente e a Noa, atrás. Na frente se vê a rua. Atrás só se vê teatrinho. A Irene vinha por último, com a pasta e o apito. Não dizia por onde. Dizia "pare" quando havia um meio-fio.

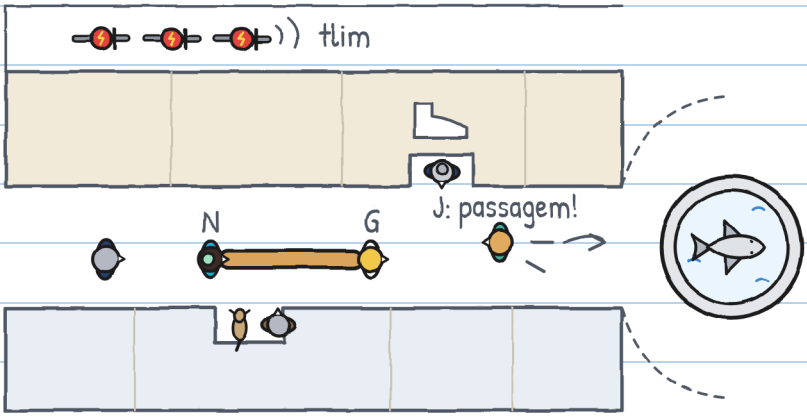


A Júlia abria passagem muito bem.

— Passagem, que lá vai um teatro!

A dona da sapataria saiu à porta para ver. Um senhor com um cachorro esperou num portão. Longe, do outro lado do bairro, tocou um sininho. Tlim.

— A RAIO está ensaiando a prova dela — disse a Noa. — Eles vão de bicicleta, com um envelope. Nós vamos a pé, com isto.
— Com isto não se corre — disse a Irene.

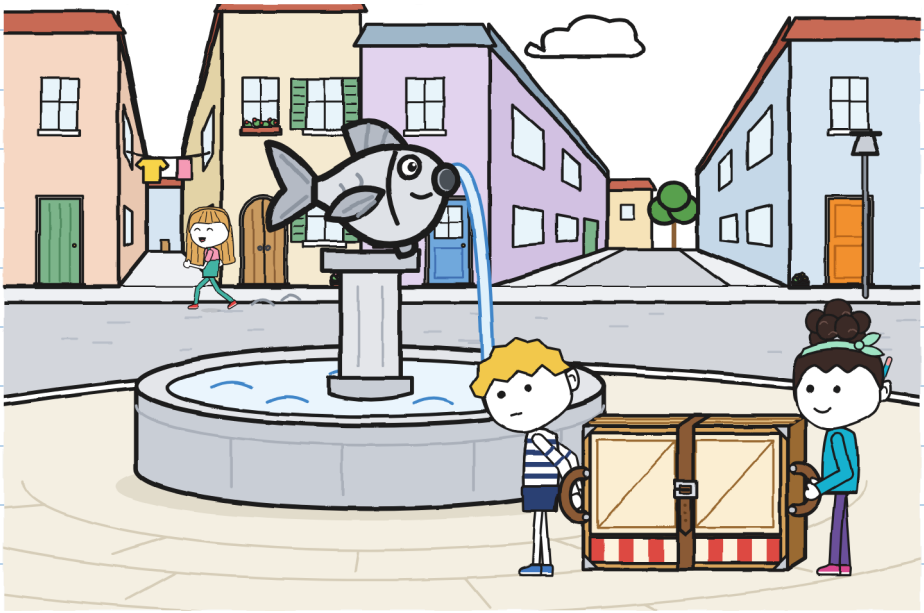


Chegamos à pracinha da fonte. A Júlia se virou, gritou a indicação e saiu correndo em direção ao centro, para segurar o portão.

— Até o peixe manco e virar!

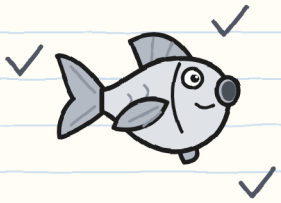
E já não estava mais ali.

No meio da fonte tem um peixe de pedra. Olhei bem. Do meu lado ele tinha todas as nadadeiras.

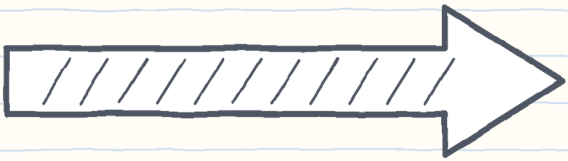


Pensei rápido, que não é o meu forte.

Peixe da fonte: nadadeiras à vista, todas.
Não é manco.
Deve haver outro peixe.



Virar: para que lado?
Esquerda, rua estreita.
Direita, rua larga.
Um teatrinho vai melhor pelo largo.



— Viro agora? — perguntei para trás.
— No peixe manco! — disse a Noa de trás do teatrinho.

Continuei procurando outro peixe. Não tinha. Virei à direita.

Ninguém disse "curva". Ninguém segurou a correia. No primeiro furo, a fivela aguenta pouco.
Clac. Clac. Clac.

Os painéis se abriram devagar, um atrás do outro, em volta da Noa. A Irene tocou o apito. Quando o barulho parou, no meio da rua havia um teatro. E dentro do teatro, a Noa.
— Oi — disse ela pela janela.

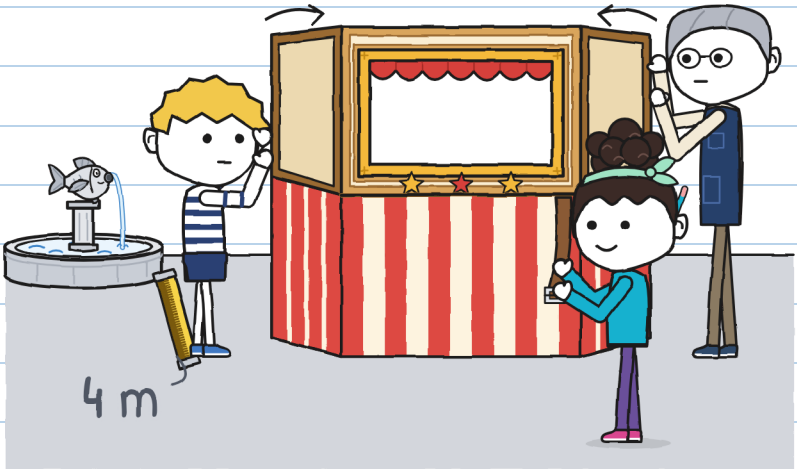


A Irene olhou as mãos da Noa. Depois olhou as minhas. Estavam todas inteiras: os painéis pesam pouco e abrem devagar.

— Quem orientava? — perguntou.

Ninguém respondeu. A Júlia, que orientava, estava segurando um portão, duas ruas adiante.

Dobramos entre a Irene e eu, com as mãos nas barras laterais. Enquanto isso, medi: do meu pé à fonte, quatro metros.



A Júlia voltou correndo.

— Mas era no peixe manco!

— Que peixe manco?

— Esse! — Apontou a fonte. — À esquerda.

Como sempre.

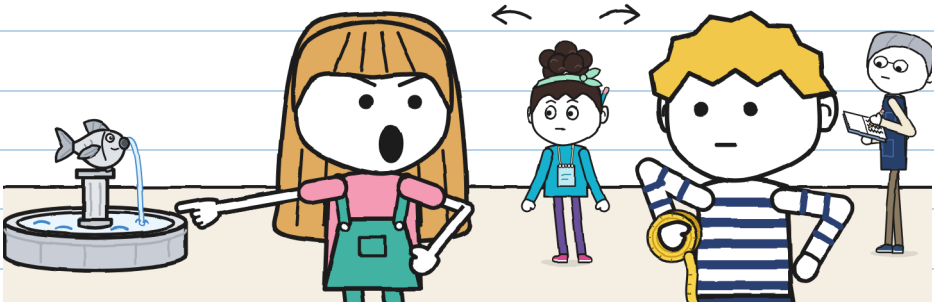
— "Sempre" é de quando eu não estava aqui.

A Júlia se virou para a Irene.

— É que o Guto se perdeu.

Eu não tinha me perdido. Sabia exatamente onde estava: a quatro metros da fonte. Tinha acabado de medir.

Isso também decidiram sem mim. Quarto risquinho.



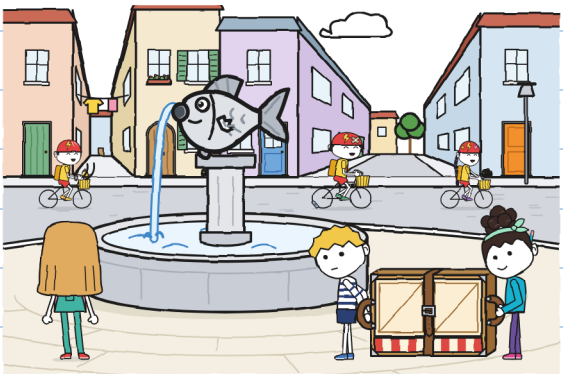
Eu disse em voz alta e na frente de todo mundo. Eu sei. —J.

Me mostraram o outro lado do peixe. Falta uma nadadeira, a da esquerda. Para enxergar, é preciso saber que ela não está.

Repetimos a curva. Da primeira vez eu disse "curva" cedo demais. Da segunda, tarde demais. A terceira saiu, mas ninguém falava.

Então a RAIO passou pela rua: Zoe, Bruno e Toninho, em fila, com as mãos no guidão. Tlim na esquina. Deram a volta na fonte sem frear e sem se tocar.

— Estação um, de primeira — disse o Toninho ao passar.



Chegamos ao pátio quase de noite. A Mara guardou o teatrinho na caixa e levou a caixa para a loja.

Anotei o de hoje no medidor. As três casinhas tinham nome e, mesmo assim, abriu-se um teatro na rua. Faltava alguma coisa no medidor. Não soube o quê.

O MEDIDOR DE TRÊS

	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 	
loja → pátio	Guto e Noa	Júlia	Júlia	
loja → fonte	Guto e Noa	Júlia	Júlia	abriu · repetido 3 vezes

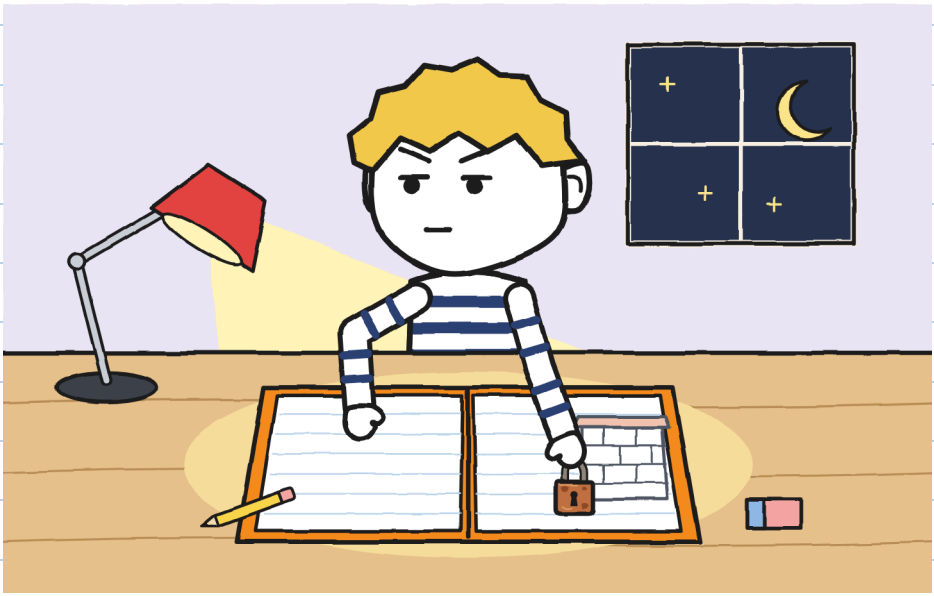
?

O meu nome aparece duas vezes nessa linha. E eu não estava em nenhuma das duas. —J.

Em casa desenhei, na última página, o que eu encontrei na terça atrás do muro. Tapei com a mão, mesmo estando sozinho.

Pensei: "Amanhã elas vão falhar de novo. Aí eu mostro".

Pareceu um bom plano. Tinha até hora marcada.



Essa página eu li na quinta. Não gostei. A minha da quarta, também não. –J.

CAPÍTULO 3

A planta do Guto serve?

Naquela noite fiz a planta inteira. O pátio visto de cima, o muro medido, o portão, a fonte, os três trechos. E, por trás, a coisa da terça.

Ficou uma planta muito boa. Dobrei em quatro e guardei dentro do caderno.



Na quinta, na loja, a Noa estava contando passos.

— Da porta ao meio-fio, seis passos. Do meio-fio ao poste, onze.

— Isso se mede com fita — eu disse.

— Eu meço em passos. Eu sempre os trago comigo.

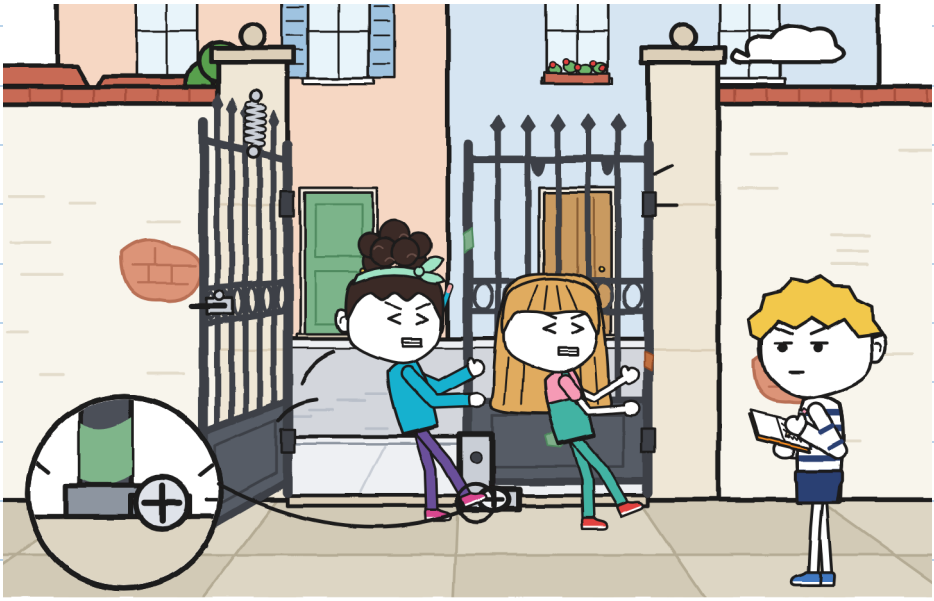
Medi um passo da Noa: cinquenta e oito centímetros. Ela anotou na caderneta. Eu, no caderno. A Júlia nos olhava como quem vê dois relógios marcando a mesma hora.

Eu achava que a Noa ia ser outra Júlia. Não é. A Noa conta.



Fomos ao pátio com a Irene. A Júlia e a Noa queriam testar a ideia delas: abrir as duas folhas do portão. A primeira folha abre e fecha sozinha. A segunda não abriu. Tem tinta por cima da tinta e um parafuso no chão.

— Então a etiqueta está errada — disse a Júlia.
— Com certeza — disse a Noa.
Decidiram em dois segundos. Peguei o lápis para o risquinho. Era o quinto.



Não fiz.

Olhei a fileira de risquinhos. Faltava um. Na terça, atrás do muro, eu também decidi uma coisa sem perguntar a ninguém: me calar.

DECIDIDO SEM MIM: ||||

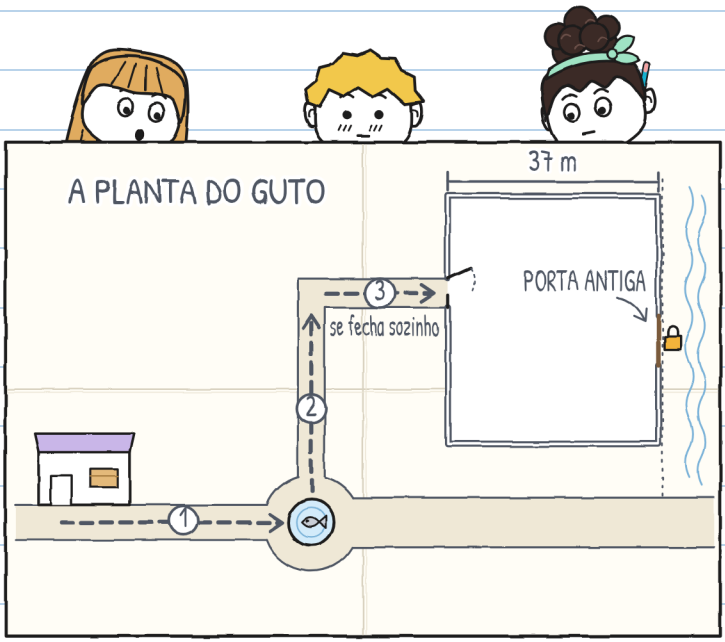
DECIDIDO SEM ELAS: |



— A etiqueta não está errada — eu disse. Saiu mais alto do que eu queria. — O pátio tem outra porta. Fica atrás do pátio, no beco do canal. É velha e tem um cadeado. Eu achei na terça.

Tirei a planta e desdobrei em cima do teatrinho.

— Na terça? — disse a Júlia.
— Na terça. Eu guardei para ter razão depois.



Ninguém disse nada por um tempo. Eu medi: foi longo.

— Tá bom — disse a Noa. E copiou a porta no mapa dela.

A Júlia não disse "tá bom". Mexia um pé.

— Ontem teria nos ajudado muito.

— Pois é.

No pátio não tem canto para se esconder. Eu também não procurei. Fiquei com a planta aberta.



Eu não disse "tá bom" porque ainda não era verdade. —J.

Fomos ver a porta os três, com a Irene. A Noa contou o muro: sessenta e quatro passos. Eu já tinha: trinta e sete metros. Dava a mesma coisa.

A porta antiga é de madeira, de duas folhas, larga como a cama de um gigante. O cadeado tem mais ferrugem do que cadeado.

— Faz anos que está fechada — disse a Irene. — Eu sempre a vi assim.



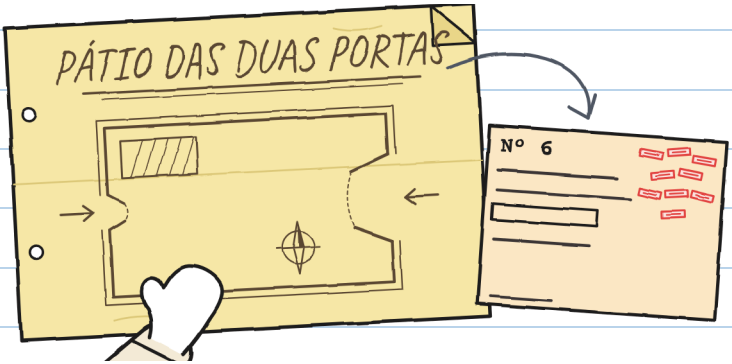
A Irene procurou no registro do centro até dar com uma folha amarela.

— Aqui está. Quando esta porta era usada, entrava-se no pátio por dois lugares: pelo portão ou por aqui. Chamavam o pátio de "o das duas portas". E de todos os grupos, só o teatro ensaia no pátio.

— Então a etiqueta não é um enigma — disse a Noa.

— É um endereço — eu disse.

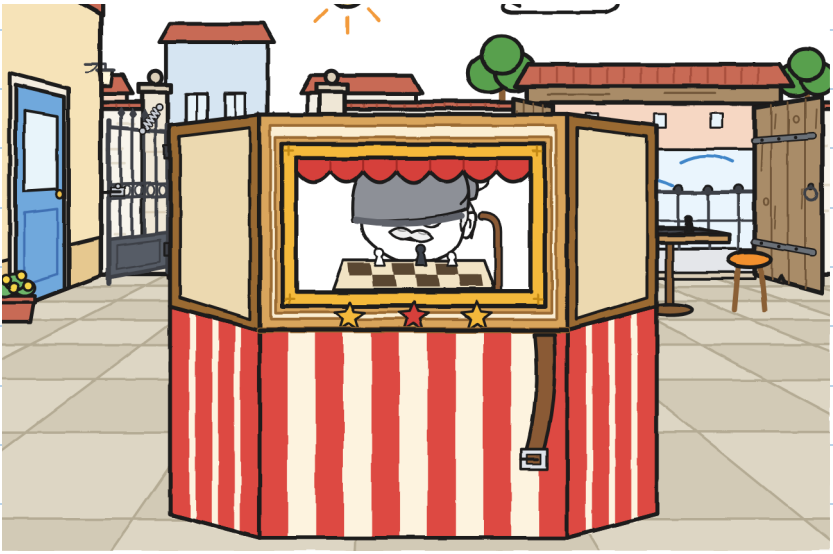
"Oficina do pátio. Entrada pelas duas portas." Estava bem escrita. Era velha, só isso.



A Mara disse depois que viu aquele cadeado nove vezes. Achou que uma porta fechada não contava mais. —J.

A chave estava na pasta, num envelope: "Porta antiga. Não perder". A Irene abriu o cadeado. A porta fez um barulho de barco.

Lá dentro, no pátio, o pessoal do xadrez estava com as mesas no sol. A Irene abriu o teatrinho no meio, para ver quanto espaço deixava entre as duas portas. Deixava de sobra.
Pela janela do teatrinho se via Don Antonio, o do xadrez, com a boina sobre os olhos. Estava pensando numa jogada. Roncava um pouco.



— No sábado eu abro as duas — disse a Irene. — As bicicletas entram pela antiga, pelo beco do canal. Quem vai a pé com carga, pelo portão, pela calçada. Assim não se cruzam.

— Mas a antiga é mais larga — disse a Júlia. — E não se fecha sozinha.

— E o portão é o de vocês. Se a oficina levar o teatrinho a uma praça, vai ter portas piores.

A Júlia abriu a boca. Olhou para a Noa. Olhou para mim.

— E você, o que diz?

Era a primeira vez em toda a semana que ela me perguntava. Anotei com a data.

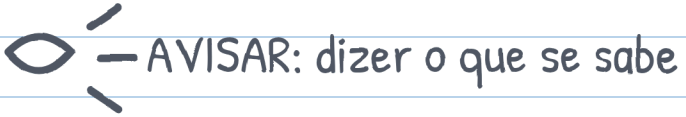


Eu disse que o portão, mas ensaiado antes. A Noa disse o mesmo. A Júlia disse que tá bom, e dessa vez era verdade pela metade.

Depois consertamos o medidor. Tinha três casinhas e nenhuma servia para o da quarta nem para o meu.

O MEDIDOR DE TRÊS (COM QUATRO)

	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 	AVISAR 
pátio, segunda tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	Guto	Guto, não
loja → fonte	Guto e Noa	Júlia	Júlia	*ninguém*

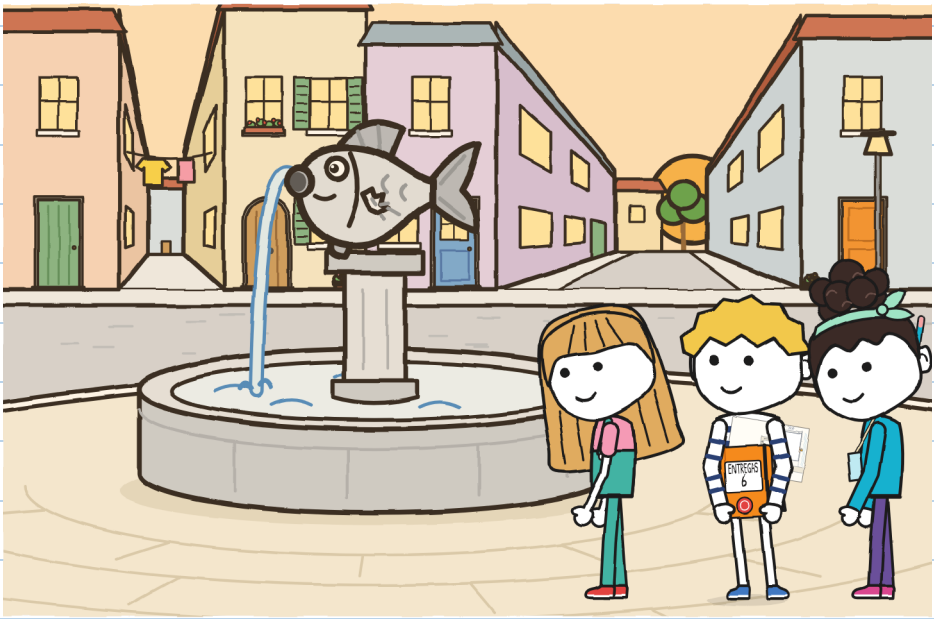


O medidor de três tem quatro casinhas. Não estou reclamando. A quarta é a que mais me custa. –J.

Voltamos pela fonte. Parei na frente do peixe, pelo lado manco.

— Vocês me contam a história?
— É comprida — disse a Júlia.
— No sábado — disse a Noa. — Se a gente chegar.

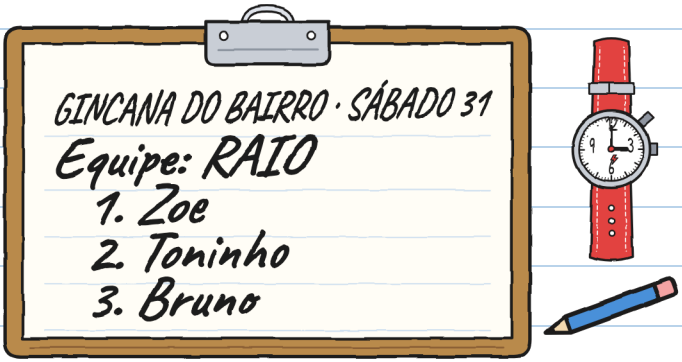
Não era um não. Guardei a planta no caderno, dessa vez sem dobrar, com metade da planta aparecendo.



CAPÍTULO 4

Qualquer um pode comandar?

Na sexta o Toninho veio à loja com o relógio, um lápis e a ficha de inscrição da RAIO.



— Quem escreveu foi a Zoe — disse ele. — O Bruno ditou o nome dele: "Bruno, com B".

— E a Zoe?

— Escreveu Bruno. Com B.

Depois sentou na caixa dele e zerou o relógio.

— Hoje eu meço o tempo. Não opino. Anoto o que precisa repetir.

Ideia da Noa: turnos. Três trechos, e em cada um orienta uma pessoa diferente. Ideia minha: que orientar e abrir passagem sejam da mesma pessoa, a que vai livre. As outras duas só veem o teatrinho. Ideia da Júlia: começar já.

— Quem orienta o primeiro trecho?
Apontamos os três ao mesmo tempo. Cada um apontou para outro.

O Toninho anotou. A Irene esperava na porta, com a pasta. Também não opinava.



Antes de levantar o teatrinho, a Júlia disse:

— Uma coisa. Na quarta eu dei uma indicação que só a Noa entendia. E depois disse que você tinha se perdido. Não disse mais nada. Não precisava: estava tudo ali.

— Tá bom — eu disse. Aprendi com a Noa.

— De que lado falta a nadadeira do peixe? — perguntei.

— Do esquerdo, conforme você chega. Na fonte, curva à esquerda. Eu aviso cinco passos antes.

— Isso sim é uma indicação.



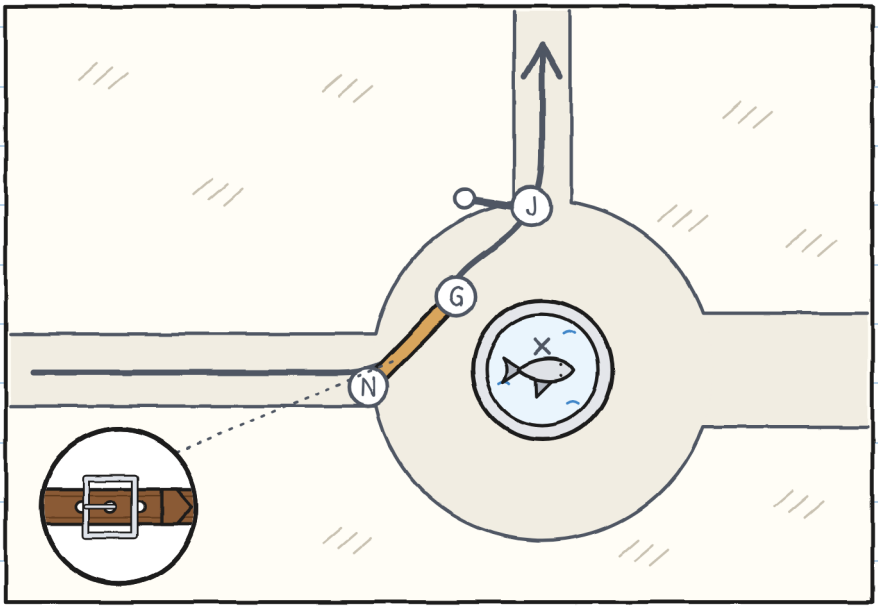
Os dois pés parados. Confira no desenho. —J.

Trecho um. A Noa prendeu a correia no segundo furo.

— Cinco passos... Curva à esquerda!
— Correia! — disse a Noa. E segurou.

Contornamos o peixe manco. Parecia que sempre fazíamos isso. Nenhum clac.

— Trecho um: seis minutos — disse o Toninho. — Repetido: nada.

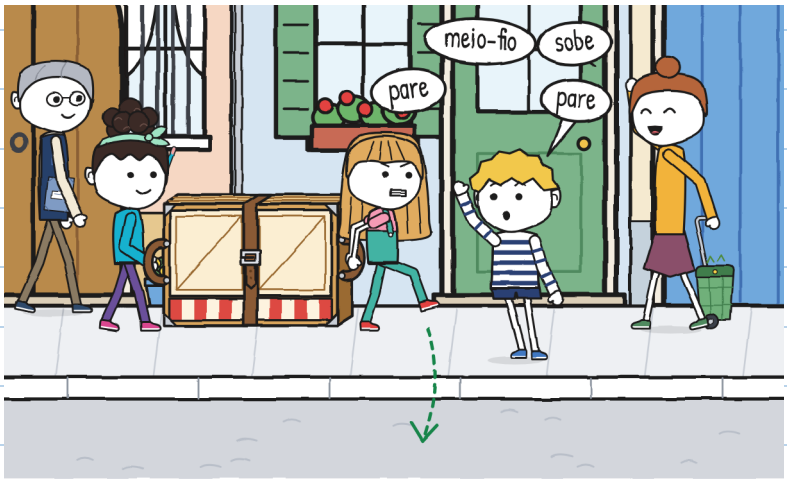


Trecho dois, da fonte à esquina. Carregavam a Júlia e a Noa. Eu orientava.

Eu oriento assim:

— Três passos. Pare. Meio-fio. Sobe. Dois passos. Pare. Uma senhora. Boa tarde. Passa a senhora. Quatro passos.

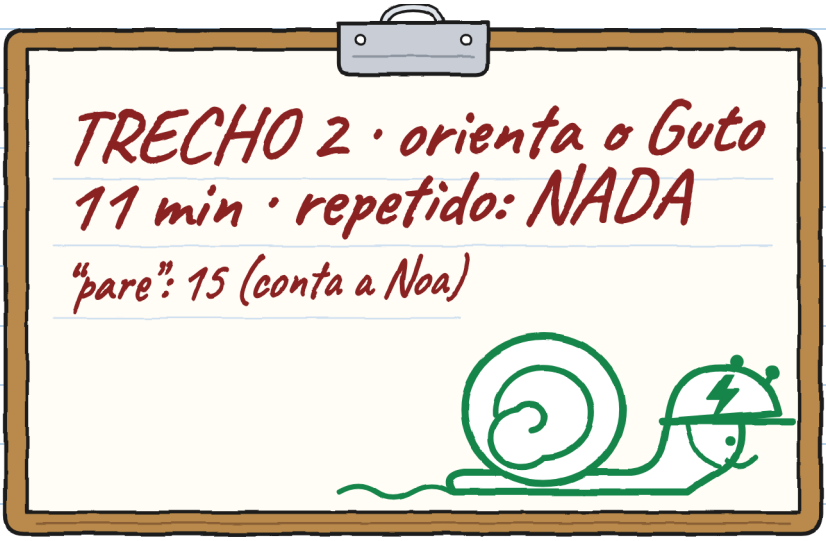
A Júlia ia na frente, com a alça dela, sem dizer nem um pio. O pé dela ia sozinho para o caminho curto. Ela o devolvia ao meu caminho.



— Trecho dois: onze minutos — disse o Toninho. — É o mais lento que medi na minha vida. Repetido: nada.

Era a primeira vez que eu comandava alguma coisa e não precisava repetir.

— Você disse "pare" catorze vezes — disse a Júlia.
— Eu contei — disse a Noa. — Quinze.
— Sobravam seis — disse a Júlia. — Mas eu fiz todas.



Eu não discuti nenhuma. Os dentes doíam de tanto apertar. —J.

Trecho três, da esquina ao pátio. Carregávamos a Júlia e eu. A Noa orientava, com o mapa da gincana. A Irene o distribuiu a todas as equipes.

Aos vinte passos a Noa parou, onde começa o beco do canal.

— Não bate.

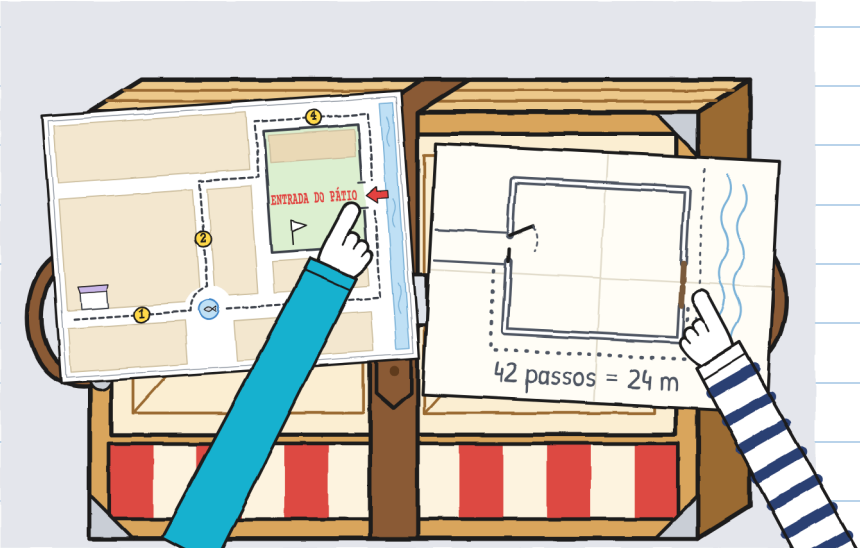
— O que não bate?

— O mapa nos manda por aqui. Até a porta antiga. E a gente entra pelo portão, que fica do outro lado.



Deixamos o teatrinho no chão. Primeiro se deixa; depois se discute.
Pus a minha planta ao lado do mapa dela. O mapa da gincana só tinha uma entrada pintada. Não era o portão: era a porta antiga.
— É um mapa velho — eu disse. — De quando se entrava por ali.

Dali até o portão eram quarenta e dois passos da Noa. Ou vinte e quatro metros meus. Com o passo dela e a minha fita dá para medir o bairro inteiro.



— A gente conta para a Irene? — perguntou a Júlia.
— E para as outras equipes — disse a Noa. — Senão, quem vai a pé entra todo mundo no beco. Com as bicicletas.
Eu não disse nada. Estava de acordo.

A Irene corrigiu os mapas, um por um, com uma canetinha vermelha. O Toninho olhou o dele.
— A RAIO pensava entrar por onde dizia o mapa.
— Vocês entram por ali — disse a Irene. — Para as bicicletas, o mapa estava certo. Por acaso.



Voltamos à esquina e repetimos o trecho três, agora até o portão. A Júlia e eu carregávamos. A Noa orientou, abriu passagem e avisou, tudo ao mesmo tempo:

— Pare! Seguro a folha! Passa!

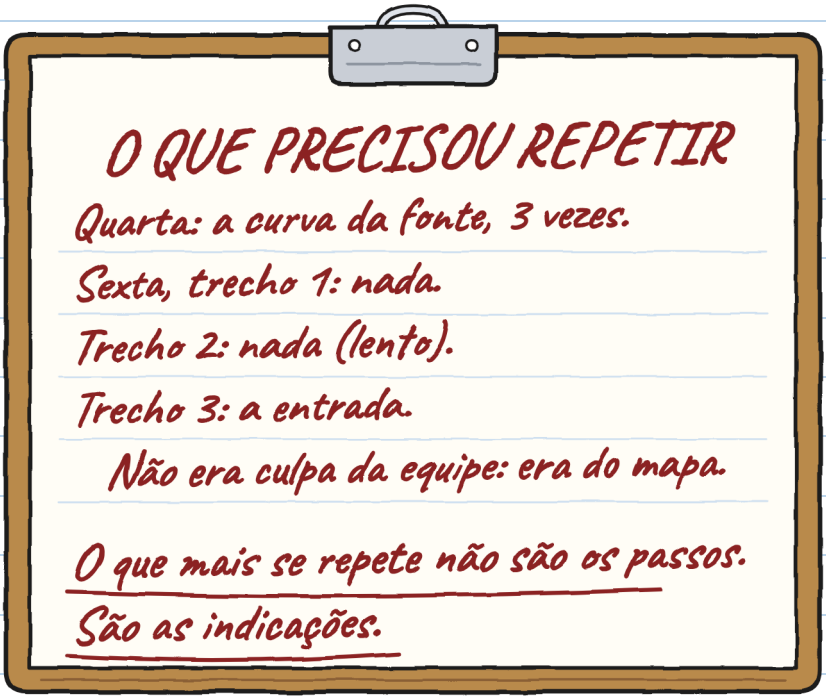
Passamos. Preenchi o medidor.

	CARREGAR	ORIENTAR	ABRIR PASSAGEM	AVISAR
esquina → pátio	Guto e Júlia	Noa	Noa	Noa: "o mapa está errado"

Primeira linha com todas as casinhas preenchidas. E a quarta, a de avisar, quem preencheu foi a Noa.

O portão pesa. A Noa o segurou com as costas, como você na terça. Eu anoto, porque você não ia anotar. —J.

O Toninho nos mostrou a folha dele.



— Esse último é uma opinião — disse a Júlia.

— É um dado — disse o Toninho. — Na RAIO, uma direção mal dita se paga duas vezes: na ida e na volta.

Colocou o capacete e foi ensaiar a prova dele. Tlim.

À noite, na loja, a Mara guardou o teatrinho na caixa. A Noa olhou a fivela.

— Amanhã, no terceiro furo. Mesmo que demore mais para soltar.

Abri o caderno no canto dos risquinhos. Hoje eu não fiz nenhum. Contei quatro desacordos. Os quatro eu disse em voz alta. Ganhei um.

DECIDIDO SEM MIM: ||||
DECIDIDO SEM ELAS: |

Sexta.
Desacordos: 4.
Ditos: 4.
Ganhos: 1.



O que você ganhou foi o de deixar o teatrinho no chão antes de discutir. Esse eu te dou de presente. —J.

CAPÍTULO 5

Importa chegar primeiro?

No sábado vesti a camiseta laranja dos sábados.

— Você combina com o caderno — disse a Júlia.

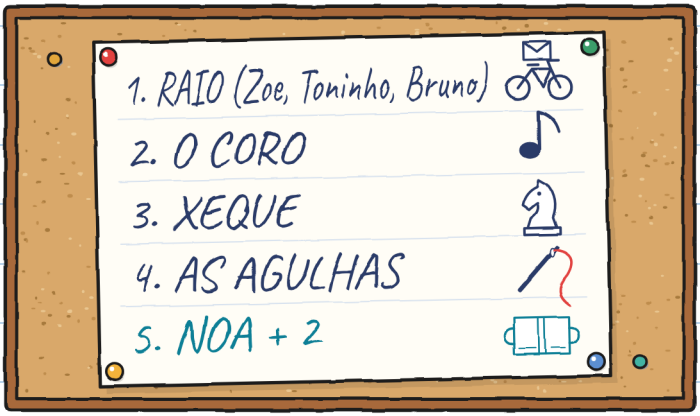
Às onze, o pátio estava com as duas portas abertas pela primeira vez em muitos anos. Entrava gente pelas duas. A Irene, com o apito, explicou as regras:

— Cada equipe traz a sua carga até aqui, passando por todas as estações. Com carga não se corre. Quem correr, repete o trecho. Quem não repete, ganha tempo.



Na lista havia cinco equipes. A RAIO levava um envelope, de bicicleta. O coro, um atril de música. O xadrez, um tabuleiro gigante. A costura, um manequim sem cabeça.

O nosso a Noa anotou na segunda, antes de me conhecer:



— Somos "Noa + 2" — eu disse à Júlia.
— Eu sou o 2 — disse ela. — Você vai ser o mais.

Cada equipe saía da porta onde dormia a sua carga. Quem deu a largada para nós foi Don Antonio, que mora perto e não corre.

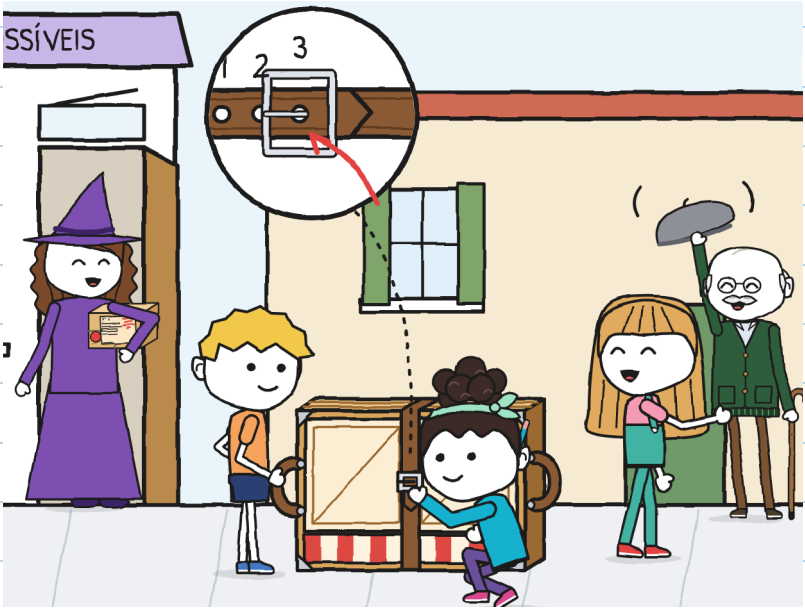
A Mara tirou o teatrinho. A Noa prendeu a correia depressa e nós o levantamos. Clac: um painel se abriu um palmo.

— No chão — eu disse.

Ninguém discutiu. Da segunda vez, a Noa prendeu a correia devagar, no terceiro furo, e puxou duas vezes para testar.

Don Antonio baixou a boina, como uma bandeira de largada.

— Com calma — disse —, que é assim que se chega.



Trecho um. A Júlia orientava.

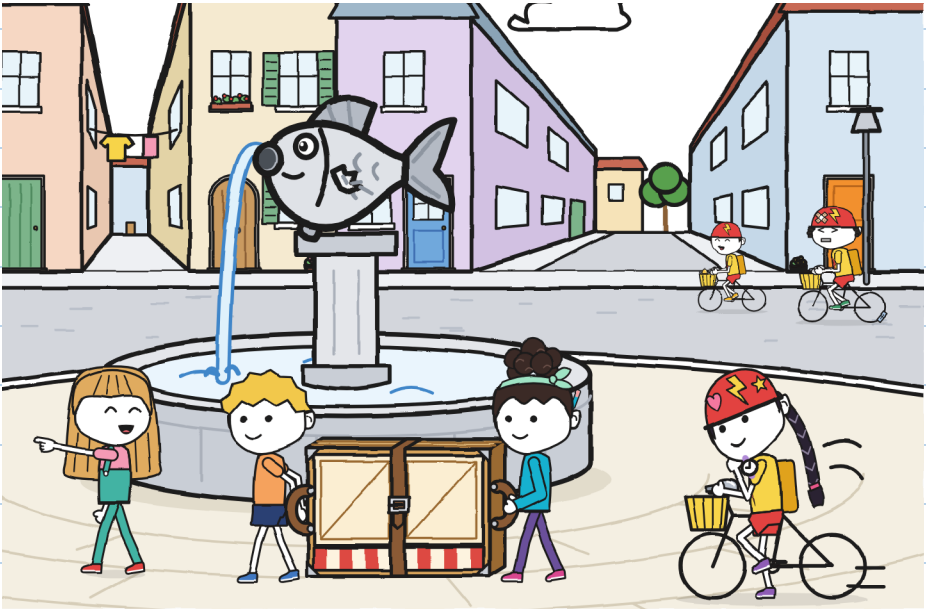
— Cinco passos... Curva à esquerda!

— Correia!

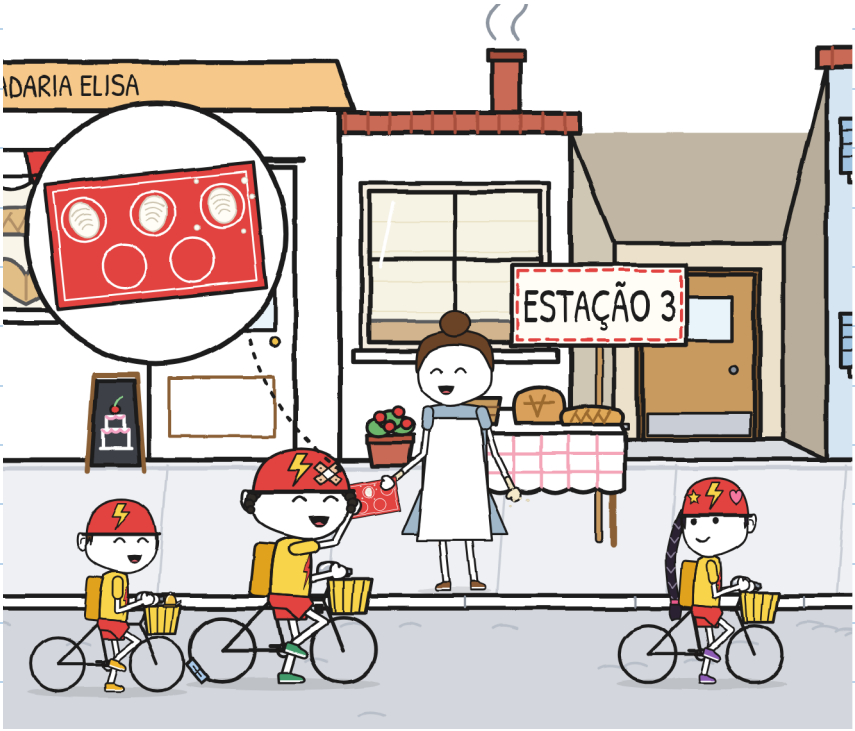
Contornávamos devagar o peixe manco, ocupando a esquina toda, quando a Zoe chegou de bicicleta. Ia na frente de todos. Freou e pôs um pé no chão.

— Passem vocês. Com isso não se corre.

Esperou até sairmos da curva. Depois foi embora. Fomos na frente dela por vinte segundos. Ela mesma mediu.



Em cada estação carimbavam um cartão. No da padaria, a Elisa carimbava com o polegar cheio de farinha.
A RAIO passou três vezes na nossa frente, cada vez por uma rua diferente. O Toninho levava as duas mãos no guidão e tocava o sininho nas esquinas. O Bruno levava o envelope. A Zoe ia na frente e esperava por eles em cada estação. Não tocava o cartão até os três estarem lá.



No trecho dois o coro nos ultrapassou com o atril. Correndo. Soou o apito da Irene. O coro voltou à fonte, cantando baixinho.

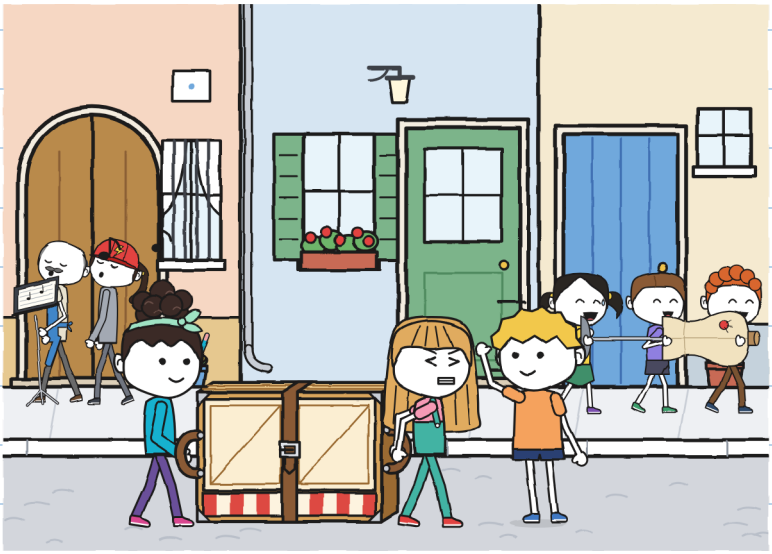
O xadrez nos ultrapassou. Nos ultrapassou até o manequim.

A Júlia não correu. Bom: o pé dela foi embora. Ela o devolveu.

— Importa chegar primeiro? — perguntou.

— A etiqueta não diz "primeiro" — disse a Noa. — Diz "dobrado".

— Meio-fio — eu disse.



Trecho três. A Noa orientou até o portão. Ali deixamos o teatrinho.

— Quem abre? — perguntou a Júlia. E esperou.

Apontamos os três ao mesmo tempo, para o mesmo lugar: a Noa, o portão; a Júlia, o portão; eu, o portão.

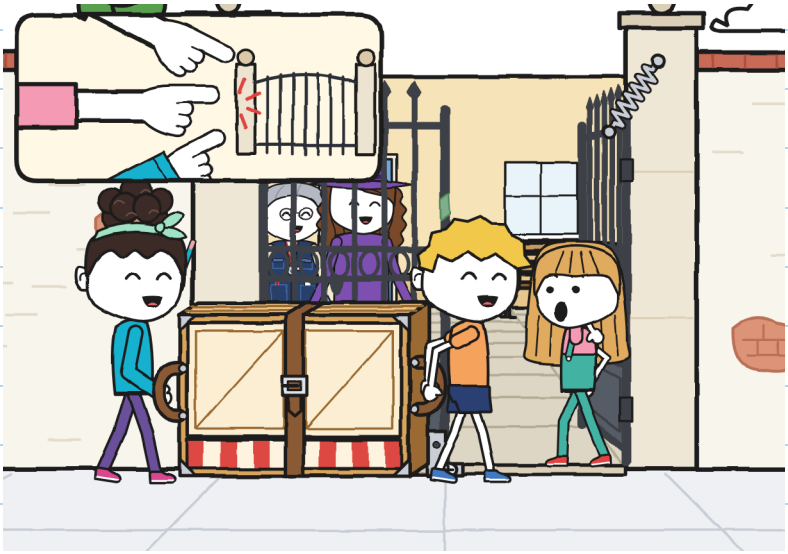
Rimos, porque assim não se decide quem.

— Você — dissemos a Noa e eu. A Noa foi para a alça dela.

A Júlia segurou o portão com as costas e as mãos.

— Pare! Seguro a folha! Passa!

Passamos. Dobrado. Inteiro.

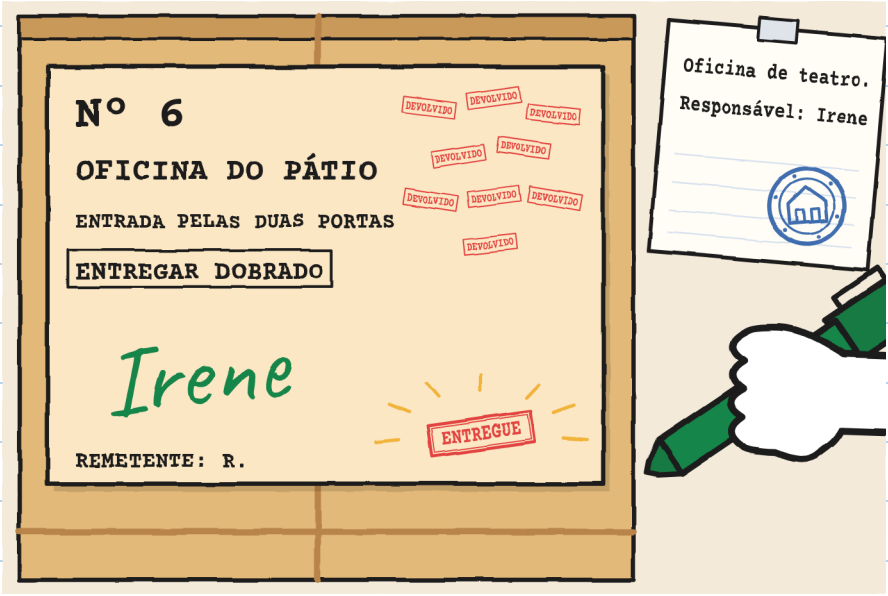


— Quarenta e um minutos — disse a Irene.

A RAIO levou catorze minutos. Estavam os três sentados no chão, ao lado das bicicletas, sem suar.

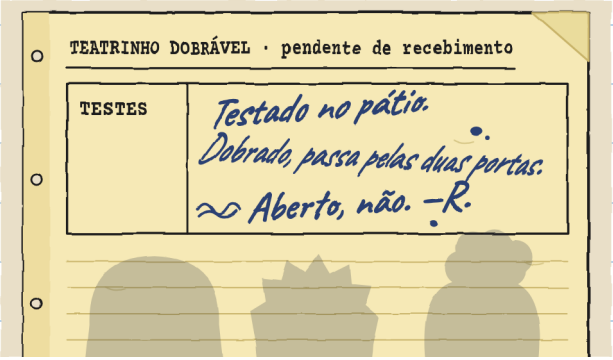
A Mara veio com a caixa debaixo do braço. A Irene olhou o teatrinho no chão do pátio dela, dobrado, com a correia no lugar. Abriu a pasta e mostrou à Mara a folha do registro. A Júlia deu à Irene a canetinha verde.

— Me serve — disse a Irene. E assinou na etiqueta.



Na etiqueta apareceu a palavra ENTREGUE. Ninguém a escreveu.

A Irene abriu o inventário, a lista das coisas do centro, para anotar o teatrinho. Não precisou: ele já tinha a sua página, com uma linha antiga e uma letra horrível.



— É de quando eu ainda não cuidava da oficina — disse a Irene. — Não sei quem é.

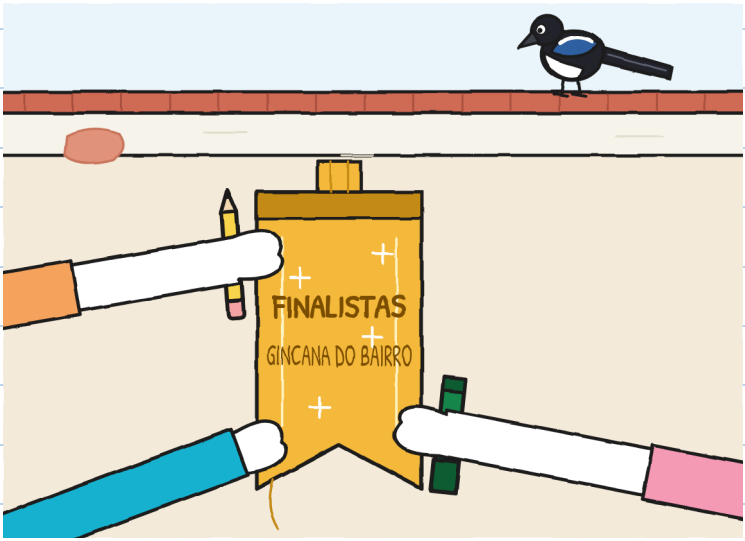
— Nós também não — disse a Júlia. — Mas a gente vai sabendo de coisas.

R. esteve nesse pátio e testou o teatrinho antes de mandar. Dessa vez mediu as duas portas: o portão e a antiga.

A porta da Elisa. As duas do pátio. Mede portas. Guardo para a ficha. –J.

A RAIO ganhou, sem repetir um único trecho. O prêmio era um pão grande da Elisa, com um 1 de farinha. A Zoe o partiu em três pedaços. O do Bruno era do mesmo tamanho que o dela.

Às equipes que chegaram com a carga inteira, a Irene deu uma fita.



— Finalista é quem chega por último — disse a Júlia.
— É quem chega ao final — disse a Noa.
— Chegamos por último ao final — eu disse. — Vale para as duas.

— Já que está aqui — disse a Irene —, vamos estreá-lo.
A Mara e a Irene o abriram. Nós, atrás. Tínhamos dois minutos para inventar uma peça de teatro. A Noa distribuiu os papéis. Antes perguntou:
— Quem quer falar pouco?
Levantei a mão.
A Migalha se soltou da Vera, voou um metro e pousou em cima de um painel. O rabo dela pendia na frente da janela. Já era uma peça, e ainda não tínhamos começado.



A peça se chamou "O pacote que não queria entrar". A Júlia fazia a Mara, com um cone de papel de chapéu. A Noa fazia todas as portas. Eu fazia o pacote, na janela.

— A oficina? — dizia a Noa. — Aqui, costura.

— DEVOLVIDO — dizia eu.

Eu disse nove vezes. O público contava. Na décima vez, a Noa abriu os braços, e eu disse a outra palavra.

Para saudar o público, nos debruçamos os três na janela. Cabíamos. Apertados.



Não se divide em pedaços. A gente se aperta. —J.

CAPÍTULO 6

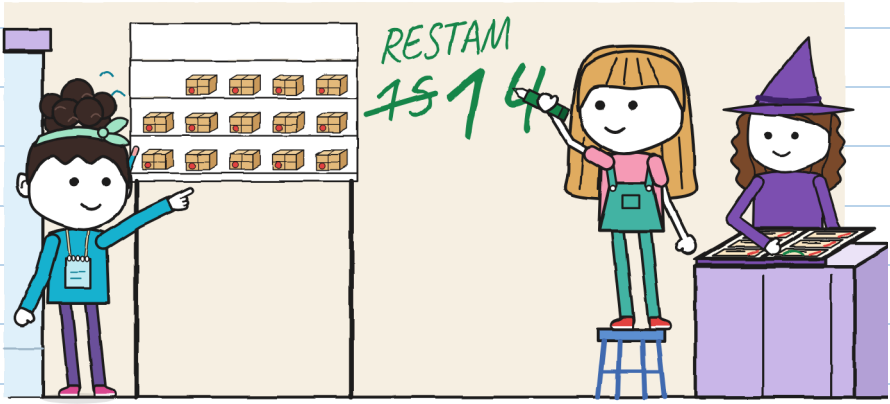
O que fica quando a prova acaba?

À tarde voltamos à loja com a etiqueta. A Noa veio também. A Júlia olhou o cartaz e depois a Mara.

— Posso?

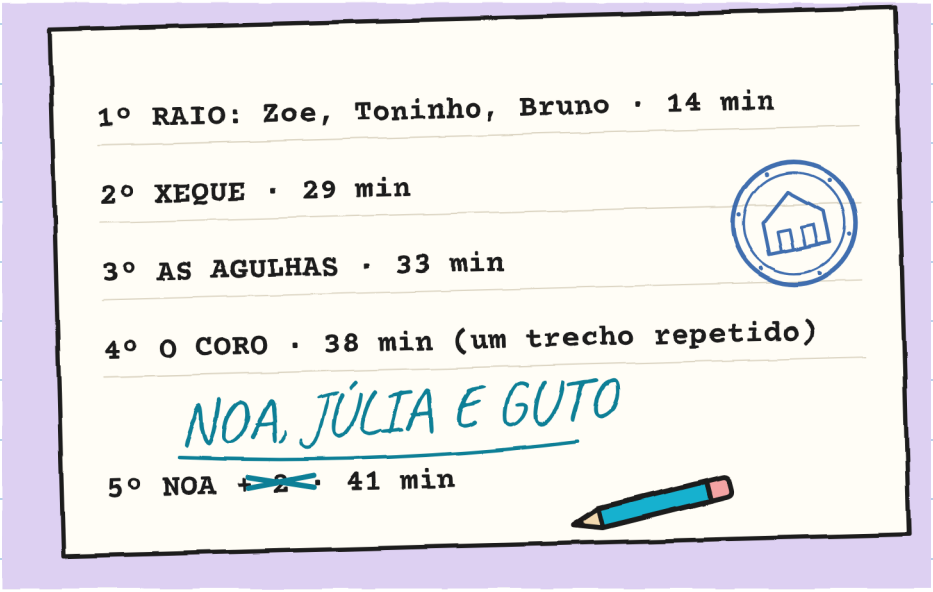
— É o seu cartaz.

A Júlia riscou o 15 e escreveu 14, grande. A Mara colou a etiqueta no livro de registro, com as outras cinco.



A Noa os contou baixinho. Deu catorze. Sabe contar. —J.

O Toninho trouxe a classificação. Eu a anotei no caderno.



Olhei duas vezes. "Bruno" estava inteiro, sem riscar e sem nada por cima.

A Noa consertou a nossa equipe com o lápis turquesa. Ninguém pediu.

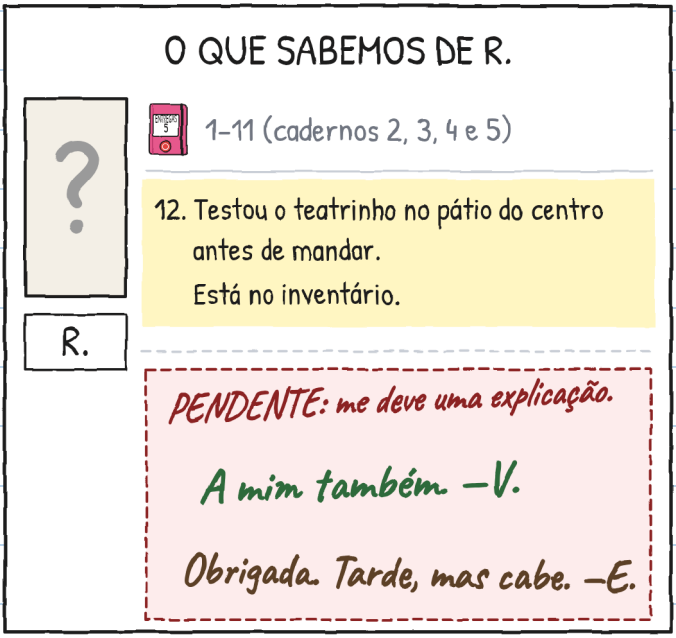
— Na segunda eu não sabia como vocês se chamavam — disse. — Bom. Como o Guto se chamava.

Peguei a ficha de R. Tinha onze pistas. Acrescentei uma. O Toninho leu. Leu também a nota dele, mais embaixo. Não riscou nada.

— Testou o teatrinho — disse. — O meu sininho, não testou.

— Isso a gente não sabe — disse a Júlia.

— Do meu sininho não existe nenhuma linha em nenhum inventário — disse o Toninho. E isso também era verdade.



Depois desdobrei a planta no balcão. Bom: já não estava dobrada.

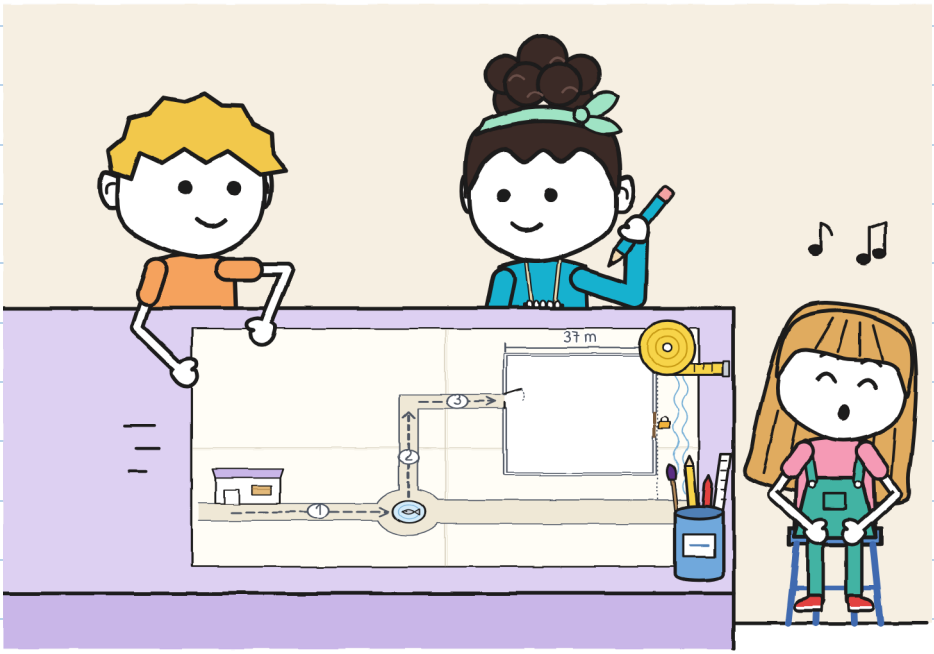
— Falta a sua parte — eu disse à Noa. — O que tem da fonte para lá. Dessas ruas eu só sei os metros.

A Noa olhou para a Júlia. A Júlia olhou para o teto, que é o jeito dela de não se meter.

— Posso pintar nela?

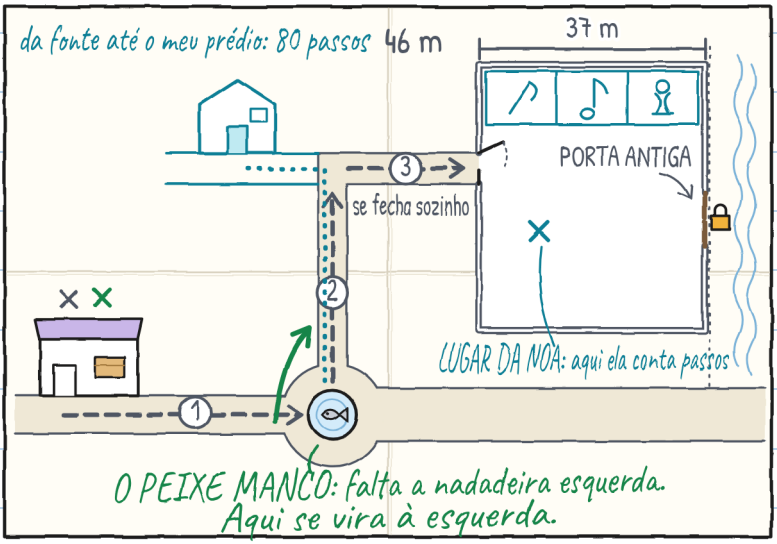
— É para isso que eu estou te mostrando.

A Noa tirou o lápis de trás da orelha.



A Noa acrescentou a rua dela, o centro por dentro e as distâncias, em passos. Eu pus os metros ao lado. A Júlia não aguentou mais e escreveu o letreiro da fonte.

A PLANTA DO BAIRRO (DOS TRÊS)



E enquanto pintavam me contaram a história do peixe manco. É comprida. Não é tão boa quanto dizem. Mas agora eu a sei.

É ótima. O que acontece é que a gente contou mal: uma atropelou a outra ao falar. —J.

A Júlia levava a fita amarrada no pulso. Já tinham se soltado três fios.

— Se eu ficar com ela, na segunda é só franja — disse.

— Guardamos no caderno?

Colamos na primeira página, embaixo de COMPARTILHADO, com um pedaço de fita adesiva em cada ponta. Eu a desenhei com os fios soltos. Se desfizer, desfez: não vou desenhá-la mais nova do que é.



O meu caderno não fecha tão bem quanto o seu. Por isso. —J.

A Noa virou as páginas para trás, com a minha licença, e chegou ao canto dos risquinhos.

— E isto?

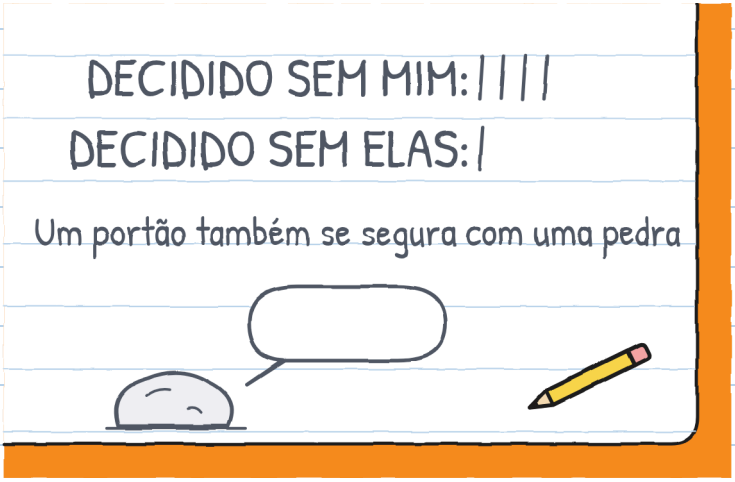
— Uma conta que eu levava mal.

— E isto aqui? — Leu em voz alta: — "Um portão também se segura com uma pedra".

— Pensei nisso na terça.

— Uma pedra não diz "meio-fio" — disse a Noa. — Nem quinze vezes "pare".

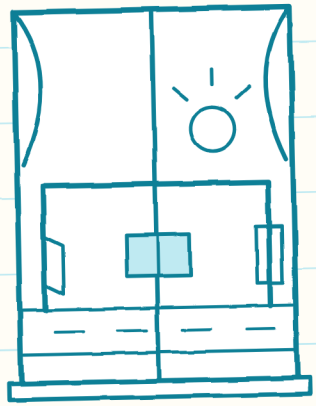
Não apaguei os risquinhos. A lápis dá, mas não quis.



Não apague. São um pouco minhas. —J.

No domingo, ao amanhecer, quem vigiou foi a Noa, que mora em frente ao centro. Às nove trouxe um bilhete à loja. Vinha contando passos.

7:38: o teatrinho, na oficina, dobrado.
7:44: amanhece. Não se mexe.
7:50: continua. Passos que deu: zero. –Noa



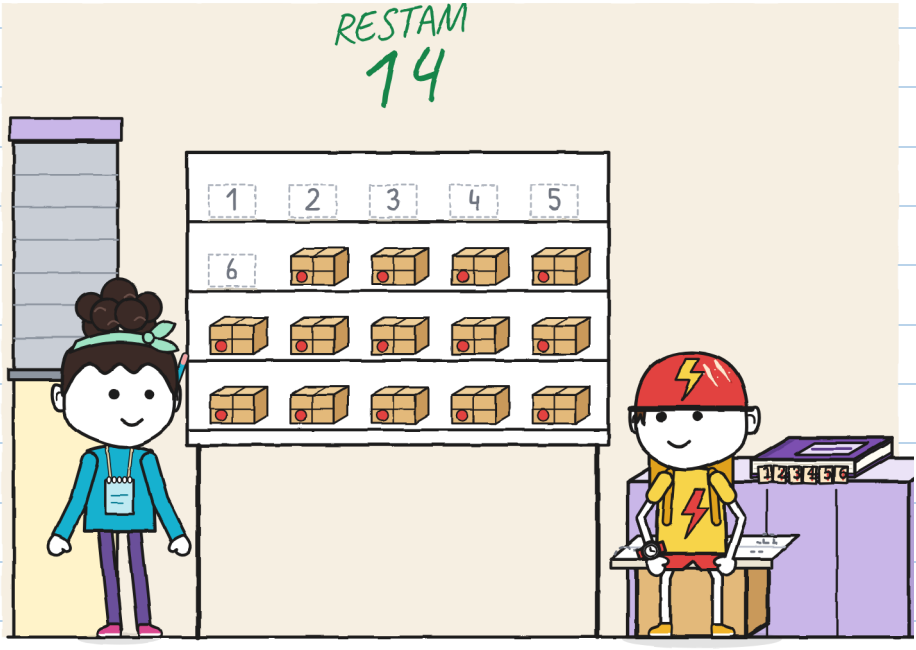


Vigia melhor do que eu, conta melhor do que eu e não faz pão. Dois de três. –J.

A Mara levantou a porta de enrolar até a metade para deixar a gente passar, e eu desenhei a estante: catorze pacotes e seis vazios. Não foi preciso mudar o cartaz.

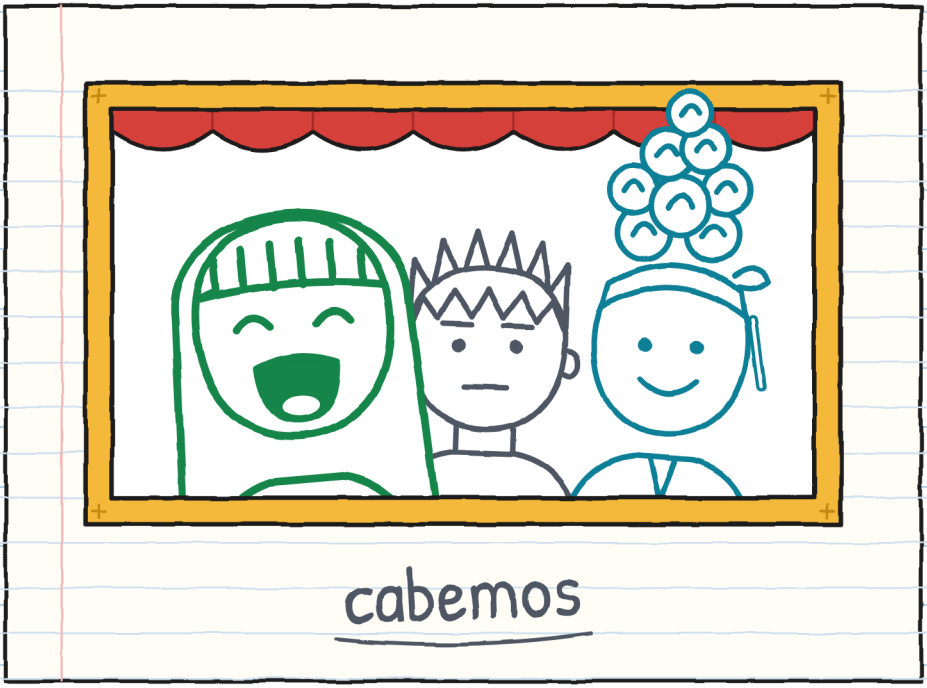
— Seis — disse a Mara. E fechou o livro dela.

O Toninho estava na caixa dele, com o capacete na cabeça, embora fosse domingo. A Noa ficou em pé, ao lado da porta. Ninguém disse "senta". Ninguém disse "vai embora". Veio porque quis, e na segunda tem ensaio.



Para terminar o caderno desenhei a janela do teatrinho, vazia.

Cada um se desenhou lá dentro. Eu, a lápis. A Júlia, de verde. A Noa, de turquesa. A Noa pediu licença antes de pintar no meu caderno. A Júlia, não.



cabemos

Compartilhado é compartilhado. Está escrito na primeira página. —J.

ENTREGA Nº 6. Trecho a trecho:

TRECHO		QUEM CARREGAVA	QUEM ORIENTAVA	O QUE PRECISOU REPETIR
	Loja → fonte do peixe manco	Guto e Noa	Júlia	a curva da fonte (três vezes)
	Fonte → esquina	Júlia e Noa	Guto	nada (mas devagar)
	Esquina → pátio	Guto e Júlia	Noa	a entrada: o mapa era velho
	Sábado	os três	os três, por turnos	a correia (na segunda, no terceiro furo)
	Antes de nós	Mara, sozinha	ninguém	nove viagens
	R.	?	?	não sabemos

	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 	AVISAR 
1	Guto e Noa	*Júlia*	*Júlia*	*Júlia*
2	Júlia e Noa	Guto	Guto	Guto
3	Guto e Júlia	*Noa*	*Noa*	*Noa*

Três casinhas. Bom, quatro. Três nomes.
Nenhuma vazia. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 7

(em breve)



Dessa vez a etiqueta pedia uma hora em que eu já estou de pijama.

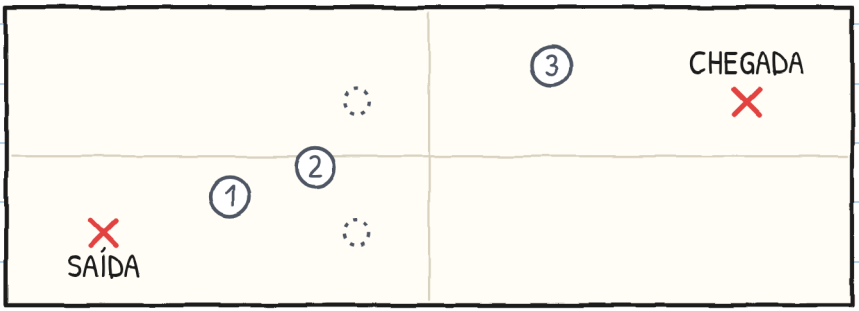
Quem está acordado quando os outros fecham?
Fora eu. —J.

O BAIRRO (versão 6)



SEU TRAJETO

Quem carrega? Quem orienta? Quem abre passagem? Quem avisa?



O MEDIDOR DE TRÊS

	CARREGAR	ORIENTAR	ABRIR PASSAGEM	AVISAR
trecho 1				
trecho 2				
trecho 3				

Se numa casinha sai sempre o mesmo nome, mude. –J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

São seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L têm as mesmas páginas e os mesmos desenhos. O XL é um romance. Só muda o jeito de contar.

TAMANHO XXS · PRÉ-A1
O GUTO ESCREVEU UMA PALAVRA. ESTÁ VENDO "COMPARTILHADO"?

TAMANHO XS · A1
Escrevi uma única palavra. Deixei meia página livre. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO S · A2
Na primeira página escrevi uma palavra. Deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO M · B1
Na primeira página escrevi uma única palavra. Deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO L · B2
Na primeira página escrevi uma única palavra e deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO XL · B2-C1
Romance ilustrado · 13+

Níveis do QECR indicativos, para quem aprende português.

Cada um no seu tamanho. O mesmo teatrinho. —J.

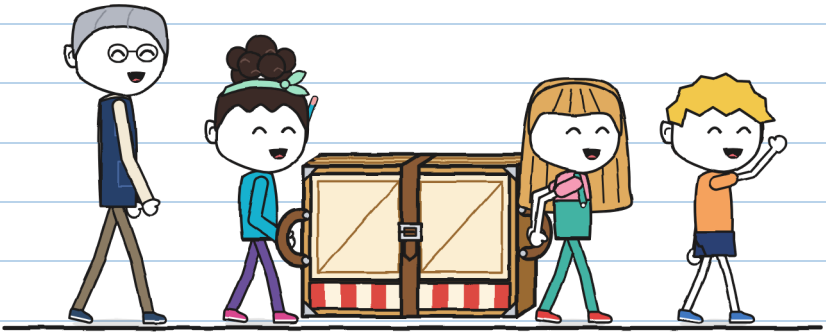
PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

TRANSPORTE DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Antes de sair, olhe o trajeto inteiro.
2. Uma pessoa vai livre: abre passagem e avisa.
3. As mãos nas alças. Longe das dobradiças e dos fechos.
4. Com uma carga não se corre nem se compete.
5. Se alguém disser "pare", todos param.
6. Primeiro se deixa no chão; depois se discute.
7. O que é grande se abre e se dobra entre duas pessoas, com uma pessoa adulta.

O carimbo SÓ NA HISTÓRIA marca o que pode acontecer numa história, mas não num transporte de verdade.



E se você sabe algo do caminho, diga antes. –J.